

Marília Pêra: patrulhada pelo PT depois de collorir.

— Uma multidão avaliada em “milhares de pessoas” e identificada pela atriz Marília Pera como de “militantes do PT” cercou, no início da noite de domingo, o teatro Jardel Filho, no centro de São Paulo. O público que acabava de assistir à matinê do espetáculo **Elas por Elas** ficou sitiado no teatro, assim como o elenco, com medo de sofrer agressões físicas. Do lado de fora, usando microfone e, segundo Marília, portando cabos de vassoura, a multidão gritava ameaças “violentíssimas” porque a atriz é simpatizante da candidatura Collor de Mello. Assustada, ela avisou que não haverá espetáculo na quarta-feira, e já pensa em suspender a temporada, que deveria prosseguir até março.



Temerosa, a atriz pensa em cancelar a temporada.

“É muito estranho estar sofrendo violência vinda da esquerda, eu só conhecia esta repressão vinda da direita”, disse Marília ontem, no Rio, à **Agência Estado**. Ela fez questão de lembrar que foi espancada pelo CCC (Comando de Caça aos Comunistas) em 1968, quando era do elenco da peça **Roda Viva** de Chico Buarque de Holanda; foi presa em 1969, “por ser comunista”, e novamente em 70, por motivos políticos, mas sob a acusação de traficar tóxicos. “Sofri todas as repressões da direita e sempre imaginei que ser de esquerda fosse ser solidário compreensivo”, diz ela, com uma ponta de ironia na voz.

Marília conta que, por volta das 19h15 de domingo, terminado o espetáculo, o público não conseguiu sair do teatro: a multidão do lado de fora barrava a saída e gritava ameaças “muito violentas” — não exemplificou. Advertiram-na da manifestação e ela achou que fosse movimento de gente dirigindo-se ao comício da Praça da Sé: “Então eu disse ao público que quem não quisesse participar da passeata poderia esperar no teatro. Não imaginava a violência da manifestação”. Acrescentou que foi trancada no camarim pelo marido: “O que eu não sabia é que não poderíamos sair, de forma alguma”.

O cerco durou duas horas, se-

gundo a atriz, e só terminou depois que ela e outras pessoas ligadas à produção do espetáculo resolveram apagar todas as luzes do teatro para “fingir que não havia mais ninguém lá dentro. Durante todo o tempo os autofalantes beravam contra mim”. Marília se confessa atônita: “Eu não sabia que existe uma palavra de ordem segundo a qual eu tenho que votar no Lula, ou no Brizola, ou no Freire ou, no máximo, no Covas. Essa cartilha não me foi ensinada. Da mesma maneira como não me foi ensinado, e eu não sabia, que iria apanhar por fazer **Roda Viva**”.

Marília conta que simpatizou com Fernando Collor de Mello e foi procurada por seu comitê. “Gravei um depoimento moderado, sem dizer que ele seria o salvador da pátria. Falei de sentimentos meus e cobre um comprometimento com a educação, a cultura e também com o salário, com a condição dos brasileiros. Mas nunca usei o palco para falar bem ou mal de qualquer candidato e acredito que tenha o direito de fazer uma opção pessoal.” Diz ainda que vem sofrendo constrangimento por parte do meio artístico e recebe “cartas esquisitas cobrando posição de esquerda”.

Ela ironiza: “Agora vou perguntar ao Lula em quem devo vo-

tar para ficar ilesa, para evitar uma carnificina. Diz-se que no segundo turno vai dar Lula e Collor. Bom, então não posso continuar no país. A menos que diga que sou Freire — admiro muitíssimo o Freire — ou que sou Enéas, ou alguém que não incomode o PT”. Assustada com a violência que sofreu, Marília questiona a violência atribuída aos seguranças do Fernando Collor: “Os jornais publicam, mas será que é isso mesmo? Porque o que eu vi e ouvi ontem foi muito pior do que o que vi e ouvi da direita”. E acrescenta que só está fazendo a denúncia porque “a tal violência não vem da direita, mas de quem pretende mudar o Brasil para melhor”.

“Não quero falar de mim como vítima, mas alertar as pessoas de que é preciso acabar com esta necessidade de ditaduras. As pessoas, aqui, têm comportamento extremamente ditatorial. Não é mais questão de quem vai ganhar a eleição, não é mais o candidato que se escolha que está em xeque, mas o princípio da democracia”, finaliza. A peça **Elas por Elas** deveria ir para o Rio em abril, mas Marília pensou de domingo para cá em compactá-la e viajar para o exterior: “As 35 pessoas que estão sob contrato para a temporada... eu mando para o PT, não é?”

Mauro Dias